



O ARQUIPÉLAGO DAS SELVAGENS. UM MUNDO DE ILHAS PORTUGUESAS COM HISTÓRIA

EL ARCHIPIÉLAGO DE LAS SALVAJES. UN MUNDO DE ISLAS PORTUGUESAS CON HISTORIA

THE ARCHIPELAGO OF THE WILD. A WORLD OF PORTUGUESE ISLANDS WITH HISTORY

Alberto Vieira*

Recibido: 11 de abril de 2014
Aceptado: 17 de junio de 2014

Cómo citar este artículo/Citation: Vieira, A. (2015). O arquipélago das selvagens um mundo de ilhas portuguesa com história. *Anuario de Estudios Atlánticos*, nº 61: 061-006. <http://anuariosatlanticos.casadecolon.com/index.php/aea/article/view/9306>

Resumo: Breve nótula histórica sobre o arquipélago das Selvagens, realçando a sua importância em termos económicos e da investigação científica.

Palavras chave: cagarras; pescas; Selvagens; urzela.

Resumen: Breve noticia histórica sobre el Archipiélago de Las Salvajes, recalando su importancia en la investigación económica y científica.

Palabras clave: pardelas; pesca; fauna silvestre; urzela.

Abstract: Short historical account on the archipelago of Selvagens, highlighting its importance in terms of economy and scientific research.

Keywords: Atlantic cory shearwater; fishing; Selvagens island; rocella tinctoria.

Em certo dia vindo eu de Guiné...vi uma ilha e estive nella... chamada ilha Selvagem. As caravelas do Senhor Infante descobriram esta ilha.” (BEHAIM, Martinho, “Do primeiro descobrimento da Guiné por Martin Behaim segundo relato de Diogo Gomes”, in José Manuel Garcia, *Viagens dos Descobrimentos*, Presença, Lisboa, 1983).

“... estas ilhas, chamadas Selvagens, que parece que se deviam achar depois das Canárias por castelhanos, tem o senhor castelhano, como também já agora a ilha da Madeira...” (FRUTUOSO, Gaspar, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1979, 412.)

* Investigador. Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA). Rua das Mercês, 8. 9000-224. Funchal. Madeira, Portugal. Teléfono: +351 351 291, +351 214 970; correo electrónico: milsumav@inbox.com

As ilhas, não importa a sua dimensão, desempenharam um papel fundamental na estratégia de afirmação colonial no Novo Mundo, pois que foram um dos pilares destacados do complexo que começou a construir-se a partir do século XV. De imagem do Paraíso, afirmaram-se, depois, como espaços de rica exploração económica, escalas retemperadoras e de apoio aos intrépidos marinheiros.

Depois, paulatinamente, ganharam a merecida posição na estratégia colonial, projetando-se nos espaços continentais próximos e longínquos. Elas abriram as portas do Atlântico e mantiveram-se até a atualidade como peças fundamentais. Foram portas abertas à descoberta do oceano e como à afirmação e controlo dos mercados continentais vizinhos, como sucedeu em Cabo Verde e S. Tomé.

De forma direta ou indireta, elas continuam a alimentar a cobiça dos Estados e a ser alvo de disputa, não sendo por acaso o atual diferendo alimentado por Espanha, que se prende com valor económico das águas territoriais que as mesmas abrangem.

Nos séculos XVIII e XIX, não foi menor o protagonismo insular. As ilhas passaram de escalas de navegação e comércio a centros de apoio e laboratórios da ciência. Os cientistas cruzam-se com mercadores e seguem as rotas delineadas desde o século XV. A estes, juntaram-se os “turistas”, que afluem às ilhas desde o século XVIII, na busca de cura para a tísica pulmonar ou, simplesmente, à sua descoberta. Tratou-se do início do turismo nas ilhas que só adquiriu a dimensão atual na década de cinquenta da presente centúria.

O protagonismo das ilhas, acima referenciado, abona a ideia de que os portugueses criaram um império anfíbio. As ilhas foram o principal pilar e o mar o traço de união. A omnipresença do mar está patente num provérbio chinês: *os portugueses são como peixes, que morrem quando se lhes tira a água*.

No caso específico das Selvagens, a sua presença na documentação e historiografia é quase nula. São escassos e avulsos os rastros documentais da História deste arquipélago. Tudo se resume a alguns textos, quase sempre em torno da questão dos proprietários, a partir do século XVI, ignorando-se tudo o que estava para trás. É no âmbito da História da Ciência que o arquipélago assume um destaque especial no quadro das ilhas macaronésicas, pelo número de estudos específicos de caso.

Mesmo assim, o pouco se sabe tem o inconveniente de apresentar alguns erros. Senão atente-se ao facto do dito descobrimento oficial (porque, em verdade, são já conhecidas no século XIV) que é apontado erradamente a Diogo Gomes, em 1438, quando é o próprio que diz na relação da sua viagem de retorno da Costa da Guiné, em 1461, que apenas ~~as~~ encontrou aquilo que os marinheiros do Senhor Infante tinham descoberto. Não sabemos quem estabelece esta relação, uma vez que o texto de Valentim Fernandes, o que refere a data do descobrimento em 1438, também usa a mesma fonte e os textos que conhecemos. Estamos perante um erro que urge corrigir, pois que a informação, talvez porque veiculada na versão portuguesa de Wikipédia¹, contagiou todos os que, de forma direta ou indireta, referem os primórdios deste arquipélago.

Todo este conjunto de situações torna cada vez mais importante o estudo científico sobre estas ilhas, fazendo com que estas saiam deste estado de esquecimento em que estão. Neste contexto, a conclusão e aprovação da tese de Pedro Quartim Graça Simão José [2013-2014] que consagra a esta ilha a sua atenção *no quadro das políticas e do direito do mar*, torna atual o debate em torno da importância das regiões insulares. Ontem defendia-se estes pequenos espaços, raras vezes pelos seus recursos económicos e marinhos, mas mais pela sua importância estratégica no quadro da hegemonia dos mares; hoje pelos seus recursos endógenos que a extensão “territorial” da zona económica exclusiva propicia. Daí o atual conflito entre Portugal e Espanha pela definição, não da sua propriedade e soberania, mas da forma de delimitação da ZEE. Esta atual questão de disputa em torno das Selvagens, que tem um desenvolvimento alargado nesta tese, revela, de novo, quão importantes são as ilhas, no quadro do espaço e protagonismos dos estados continentais.

¹ Aí na entrada Selvagens refere-se: *As Ilhas Selvagens foram assim baptizadas em 1438 por Diogo Gomes de Sintra e terão sido descobertas pelos irmãos Pizzigani em 1364*. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilhas_Selvagens. Consulta em 1 de abril de 1914]

A ORIGEM DO NOME

O grupo das ilhas Selvagens enquadra-se no mundo insular atlântico, ficando-se por um reduzido, ou nulo protagonismo, mercê de não oferecer condições à fixação humana. A costa é quase inacessível e a água doce escassa ou mesmo inexistente, refere Valentim Fernandes *que nom tem agoa nehuma*². O nome, já atribuído na década de setenta do século XIV na cartografia e não no século XV com os portugueses, revela esta situação. De acordo com Leonardo Torriani (1594), “*foram assim chamadas Selvagens por estarem afastadas da terra de África e de outras ilhas, na direcção sul norte, desabitadas e de muitos perigos para a navegação da parte do poente.*”³. Na mesma época, Gaspar Frutuoso reforça a ideia, dizendo, “... *que se chamão as selvagens, por serem hermas e desconversaveis assi de navegação como de gente.*”⁴ Em verdade, a valorização dos espaços insulares depende acima de tudo da facilidade de acesso e das condições oferecidas pelo próprio meio à fixação humana. Aqui contam as possibilidades da atividade agrícola, bem como a disponibilidade de água. A ilha não oferecia nenhuma dessas condições e, por isso mesmo, durante muito tempo, ninguém lhe terá dado importância.

O DESCOBRIDOR OFICIAL

Pensamos que a questão da descoberta e do seu descobridor não se coloca, tanto mais que estas aparecem já desenhadas e com o seu nome atual, na cartografia do século XIV. Aquilo que terá acontecido no século XV, de viva voz pelos marinheiros do Infante D. Henrique foi o seu reconhecimento e a sua posse oficial para a Casa do mesmo senhorio.

Antes de toda esta argumentação da descoberta oficial, sabemos da existência destas ilhas na cartografia mediterrânica e, se esta existe, é porque alguém as conheceu e registou. Desta forma, a mais antiga referência a este grupo surge na carta Catalã de Abraão Cresques de 1375, sob a designação de *Salvatges*. Note-se que foi a partir daqui que o grupo de ilhas que hoje pertencem ao arquipélago da Madeira, surgiu com o seu nome moderno e convenientemente arrumadas, de Sul para Norte. Isto deverá ser resultado das expedições realizadas entre 1371 e 1375. A indicação do nome a estas ilhas, que resultam de atributos inerentes às mesmas, só poderá acontecer por força de uma visita de alguém que, perante os resultados da primeira observação, concluiu ser este o nome mais apropriado para as designar. Daí que o conhecimento deve ter acontecido pela primeira vez antes desta data do senho cartográfico, o que acontece no século XV, pelos homens, marinheiros anónimos, ao serviço do infante D. Henrique, e não por Diogo Gomes como é impropriamente referido e negado pelo próprio, que defende esta mesma ideia da descoberta por *homens do infante*⁵.

Ao contrário do que é por vezes referido, o grupo das Selvagens não foi reconhecido por João Gonçalves Zarco, mas sim por outros navegadores ao serviço do Infante D. Henrique, empenhados nas viagens de exploração da costa africana. Valentim Fernandes, em 1508, refere que *E he uma ilha pequena e despouada. Ha nesta ilha algumas cabras e muytas aues do mar. E no te agoa nenhua. Anno de 1438 acharao as carauellas do Iffate Do Anrique esta ilha (...)*. Diogo Gomes relata o encontro que fez: *Em certo dia, vindo eu, Diogo Gomes, pela última vez da Guiné a Maio das ilhas Canárias e a da Madeira, vi uma ilha e estive nela, chamada Selvagem...as caravelas do senhor infante descobriram esta ilha*⁶. O navegador realizou várias expedições à Guiné mas apenas três ocorreram em vida do Infante D. Henrique [1451, 1456, 1460]. Com a morte do Infante a 13 de novembro de 1460, é muito provável que a expedição que o levou ao encontro das Selvagens tenha ocorrido em 1460, pois refere, na sua relação, o seu encontro no decurso da última viagem à Guiné, que realmente aconteceu em 1460, nunca se arro-

2 FERNANDES (1997), p. 132.

3 TORRIANI (1999), p. 216.

4 FRUTUOSO (1979), p. 309.

5 Cf. O texto de Diogo Gomes em GARCIA (1988) e FERNANDES (1997).

6 GARCIA (1988), p. 50.

gando na qualidade de descobridor, atribuindo tal missão “*as caravelas do senhor infante*”. O Códice de Valentim Fernandes refere o seu encontro pelas caravelas do infante em 1438: *Anno de 1438 acharom as caravellas do Iffante Dom Anrrique esta ilha...*⁷

Se tivermos em conta que a doação das ilhas encontradas normalmente é feita ao seu descobridor oficial, poder-se-ia aventar a possibilidade deste feito estar na casa dos mais antigos proprietários que se conhecem, os Caiados de Santa Cruz em que andou a posse das mesmas. Ou então quem as encontrou não terá considerado de interesse reivindicar a sua propriedade. Mas sabemos que, em 1472, estavam sob administração direta do contador da fazenda do senhorio. Isto poderá querer enunciar que a ilha nunca foi dada em administração aos capitães das três capitânias, ficando sob administração direta dos homens do infante D. Henrique.

Diferente versão surge nos textos de Gaspar Frutuoso e António Cordeiro (1717) que as colocam no grupo das Canárias e sob domínio castelhano⁸. O texto de Gaspar Frutuoso não é muito claro: *E estas ilhas, chamadas Selvagens, que parece que se deviam achar depois das Canárias por castelhanos, têm senhor castelhano, como também já agora a ilha da Madeira,...*⁹. A proximidade geográfica e esta situação fundamentam a reivindicação espanhola pela sua posse, que só acontece a partir de 1911.

Tenha-se em conta que a ilha, embora não seja habitável oferecia uma importante riqueza de recurso ao nível da caça, pesca, criação de cabras e recolção da urzela. Para o período de 1774 a 1831, temos indicação do dízimo pago à Fazenda Real. Para o triénio de 1774 a 1776 foi de 24\$288 réis, mas no de 1829 a 1831, foi de 163\$423 réis.

AS SELVAGENS NA DOCUMENTAÇÃO

As referências documentais sobre as Selvagens são escassas, levando o próprio Álvaro Rodrigues de Azevedo a afirmar, em 1873, que não se sabe nada destas ilhas¹⁰. Mas, uma pesquisa mais demorada na documentação hoje disponível permite encontrar alguns dados que evidenciam a importância relativa destas ilhas no devir histórico madeirense e a constante presença do homem na exploração dos seus poucos recursos, consistentes na caça, pesca, pastoreio e caça, não obstante as condições adversas da sua orografia e da quase inexistência de água doce¹¹.

Na documentação mais importante relacionada com a intervenção do Infante como senhor das ilhas, não se encontra qualquer referência a seu respeito. Se é certo que, na doação régia do senhorio em 1433, estas ainda não eram conhecidas, já em 1460, quando o infante doa à Ordem de Cristo a espiritualidade das ilhas refere apenas Madeira, Porto Santo e Deserta. Certamente porque eram as únicas com população. Também no tratado entre Portugal e Castela, ratificado em Toledo em 1480, refere-se apenas a Madeira, Porto Santo e Desertas, ficando as Selvagens, certamente incluídas entre “*todas terras e tratos Guiné e todas ilhas, costas e terras descobertas e por descobrir*.” A única referência na documentação do senhorio surge apenas no governo da infanta D. Beatriz. Em carta de 28 de Junho de 1472¹² a João Afonso, contador, refere-se que este tinha o seu cargo “*as cousas da ylha Deserta e do Selvagem, que esta açerqua da Canarea*”. Esta breve referência torna-se importante, no sentido de que corrobora a propriedade por parte do senhorio das ilhas, retirando a quaisquer outros a possibilidade de reivindicação.

São raras, mas todavia expressivas, as referências às Selvagens na documentação, que atestam, de forma clara, a soberania lusitana e a ligação ao arquipélago da Madeira. Recorde-se que a 31 de Janeiro

7 FERNANDES (1997), p. 132.

8 É necessário ter em conta o seguinte. Gaspar Frutuoso escreve a sua História das Ilhas na década de 90 do século XV, quando a soberania era castelhana, e daí a *nuance* da sua escrita. Já António Cordeiro no século XVIII limita-se a copiar o primeiro texto.

9 FRUTUOSO (1979), p. 414.

10 RODRIGUES DE AZEVEDO (1873), p. 432.

11 A este propósito Diogo Gomes, no relato da sua viagem, cerca de 1461, afirmava que “*é estéril, ninguém habita ahi, nem tem árvores e rios*”; GOMES (ca. 1461), p. 25. Já em finais do século XVI Gaspar Frutuoso refere que se chamam de Selvagens, por serem ermas e desconversáveis, assim de navegação como de gente, e uns perigosos baixios, FRUTUOSO (1979), p. 413.

12 AHM, XV (1972), p. 62.

de 1533, quando foi criada a arquidiocese do Funchal, aparecem estas ilhas: “...a Madeira e Porto Santo, as ilhas Desertas e Selvagens, aquela parte continental de África, que entesta com a diocese de Safi[m] e bem assim as terras do Brasil, tanto as já descobertas, como as que se vierem a descobrir”. Estes dados sucintos, juntamente com os textos de Diogo Gomes e Valentim Fernandes, legitimam a posse e presença portuguesa, que perdura no tempo. Convém aqui anotar a referência a Gaspar Frutuoso, que tem sido um dos fundamentos usados por parte de alguns espanhóis, no sentido de reivindicar a sua posse. Conta Gaspar Frutuoso, em texto que escreveu na década de noventa do século XVI “...E estas ilhas, chamadas Selvagens, que parece que se deviam achar depois das Canárias por castelhanos, têm o Senhor castelhano, como também já agora a ilha da Madeira, com suas adjacentes e estas ilhas dos Açores, com as mais ilhas do Ponente, com todas as terras e mares que dante pertenciam aos Reis de Portugal com o mesmo Regno por permissão divina e ocultos juízos de Deus são de el-Rei de Castela. Com que parece ficar este glorioso católico e poderoso Rei o maior senhor do mundo.”¹³ Não podemos esquecer que, neste momento, estávamos sob a mesma soberania régia, por força da união peninsular, o que justifica plenamente esta observação e forma de escrita do autor açoriano.

Depois disso, só voltamos a encontrar rasto na documentação, a partir do século XVIII, num livro de cobranças do dízimo das explorações da urzela e pescas. A informação disponível reporta-se ao período de 1774 a 1831. Para este período, temos a seguinte cobrança do dízimo agrícola e pescas das ilhas Desertas, Bugio e Selvagens.

Período de arrematação	Valor da arrematação
1774-76	24.288rs
1777-79	21.960rs
1812	68.882rs
1813	191.881rs
1816-18	386.344rs
1819-21	321.920
1822-24	167.980
1825-27	160.261rs
1828-30	12.408rs
1839-41	163.423

Fonte: Arquivo Histórico da Madeira, Vol. X

Por outro lado, em 1887,¹⁴ assinala-se a intenção dos espanhóis em estabelecerem nestas ilhas um farol, o que poderá ser entendido como a primeira pretensão à sua posse. Perante isto, as autoridades portuguesas reagem, ordenando o estabelecimento do referido farol, tão necessário à navegação. Desta forma, em 1912,¹⁵ a canhoneira Beira procedeu a estudos para o novo farol, que acabou por ser instalado no pico norte da Selvagem grande.

OS PROPRIETÁRIOS

A fazer fé nos poucos dados disponíveis, estas ilhas pertenceram ao infante D. Henrique que, depois, a terá doado ou arrendado a alguém da sua Casa. A tradição diz que pertenceu a Gião Caiado, fidalgo

¹³ FRUTUOSO (1979), p. 414.

¹⁴ Cf. *Diário de Notícias*, Funchal. 26 de julho de 1887. A propósito desta notícia do *Diário de Avisos* de Tenerife de 18 de junho afirmava-se neste diário madeirense: *os nosso vizinhos quererão fazer das Selvagens roupa de francezes? Pois nem francez nem hespanhol, é portuguez e genuíno!...*

¹⁵ *Diário de Notícias*, 04 e 21 de julho de 1912.

da Casa Real e Comendador da Ordem de Cristo, natural de Estremoz, que se fixou em Santa Cruz em 1480.¹⁶ Todavia, apenas a partir de 1717, temos informação documentada sobre o proprietário. A 22 de fevereiro, no testamento do cónego Manuel Ferreira Teixeira, é feita doação das Selvagens, avaliadas em 300\$00 réis¹⁷. O último morgado das Selvagens foi Francisco Cabral de Noronha (-/1916) que as vendeu em 1904 ao banqueiro Luís da Rocha Machado, por 8.000\$00. Só a partir de 1971 passou a património do Estado pelo valor de 1.500.000\$00. A partir de então, passou a ser classificada de Reserva Natural Integral, pelo Decreto-Lei n.º 458/71, de 29 de outubro.

IMPORTÂNCIA

A definição dos espaços políticos no espaço atlântico fez-se, primeiro, de acordo com os paralelos e, depois, com o avanço dos descobrimentos para Ocidente, no sentido dos meridianos. A expressão real resultava apenas da conjuntura favorável e do acatamento pelos demais estados europeus. Mas o oceano e terras circundantes podiam ainda ser subdivididos em novos espaços, de acordo com o seu protagonismo económico. Dum lado, as ilhas orientais e ocidentais, do outro, o litoral dos continentes americano e africano. A partilha não resultou dum pacto negocial, mas sim da confluência das reais potencialidades económicas de cada uma das áreas em causa. Neste contexto, assumiram particular importância as condições internas e externas de cada área. As primeiras foram resultado dos aspetos geoclimáticos, enquanto as últimas derivam dos vetores definidos pela economia europeia. A partir da maior ou menor intervenção de ambas as situações, estaremos perante espaços agrícolas, vocacionados para a produção de excedentes capazes de assegurar a subsistência dos que haviam saído e dos que ficaram na Europa, de produtos adequados a um ativo sistema de trocas intercontinentais, que mantinha uma forte vinculação do velho ao novo mundo. O açúcar e o pastel foram os produtos que deram corpo à última conjuntura.

De acordo com isso, podemos definir múltiplos e variados espaços agro-mercantis: áreas agrícolas orientadas para as trocas com o exterior e para assegurar a subsistência dos residentes; áreas de intensa atividade comercial, vocacionadas para a prestação de serviços de apoio, como escalas ou mercados de troca. No primeiro caso, incluem-se as ilhas orientais e ocidentais e a franja costeira da América do Sul, conhecida como Brasil. No segundo, merecem referência as ilhas que, mercê da posição ribeirinha da costa (Santiago e S. Tomé), ou do posicionamento estratégico no traçado das rotas oceânicas (como sucede com as Canárias, Santa Helena e Açores), fizeram depender o processo económico disso. A estratégia de domínio e valorização económica do Atlântico passava necessariamente pelos pequenos espaços que polvilham o oceano. Foi nos arquipélagos (Canárias e Madeira) que se iniciou a expansão atlântica e foi neles que a Europa assentou toda a estratégia de desenvolvimento económico em curso, nos séculos XV e XVI. Ninguém melhor que os portugueses entendeu a realidade que, por isso mesmo, definiu para o empório lusiada um caráter anfíbio. Ilhas desertas ou ocupadas, bem ou mal posicionadas para a navegação foram os verdadeiros pilares do empório português no Atlântico. A História tem demonstrado que as ilhas valem, não só pelo valor económico intrínseco à possibilidade de exploração agrícola, mas também pela sua disponibilidade de recursos com valor económico. Para além disso, são necessárias condições favoráveis resultantes da geografia, tais como as possibilidades de acesso e a disponibilidade de água. A História demonstrou que, para além da pastorícia e caça, apenas se poderia aproveitar a urzela, tão útil no século XV, para a tinturaria de tecidos. Foi a urzela que despertou o interesse por estas ilhas. Diogo Gomes exalta a abundância de urzela e refere-se ao facto de o Infante aí ter mandado lançar gado caprino. Valentim Fernandes reforça a mesma ideia: *...acharom nella muyta ursella e ouverom licença do dito Iffante que a apanhassem porem que lhe dessem o quinto dela*.¹⁸ A maioria dos autores, como Gaspar Frutuoso e Thomas Nichols, refere apenas a presença de gado. Já Leonardo Torriani (1594) dá mais atenção às potencialidades económicas: *têm infinita quantidade de grandes aves marinhas e de coelhos. (...) pequenas avezinhas, chamadas canários, (...) os quais os ilhéus da Madeira vêm apanhar em certa altura do ano e as mandam a vender em muitas partes*.

16 MENEZES VAZ (1964), pp. 342-343.

17 E não em 1560 como refere SILVA, (1978), p. 386.

18 FERNANDES (1997), p. 132.

A partir do século XVIII, há referências à exploração dos recursos através da forma de arrematação das rendas dos dízimos. Todavia, não temos informações sobre o tipo de produtos que implicam. Apenas para os séculos XIX e XX temos informações precisas do aproveitamento dos recursos marinhos, fundamentalmente com a exploração da caça às cagaras e a pesca de peixe e mariscos. Assim, entre 1856 e 1861, temos a informação de passaportes passados para deslocação a estas ilhas¹⁹, e, para o período de 1904 a 1920 temos, de acordo com os dados publicados pelo *Diário de Notícias* do Funchal, informações sobre uma exploração intensa destes recursos por parte dos proprietários da ilha. Havia, no período estival, duas viagens de embarcações da praça do Funchal para levarem os homens nesta missão de caça e pesca e depois, ao final de um ou dois meses, os trazerem de volta com o resultado da safra no mar e em terra. A permanência nas ilhas acontecia por um período de 30 a 60 dias, devendo estes homens estar munidos dos meios necessários à sua subsistência²⁰. Aconteceu nestas andanças um pescador de Machico, Manuel Fernandes, ter aí falecido, sendo feito o ato fúnebre, na ilha, pelos camaradas de campanha²¹.

A viagem até este arquipélago era muitas vezes uma aventura, de forma que, em 1916,²² os 14 pescadores regressados ao Funchal, depois de uma peripécia de fome até à ilha de Tenerife, decidiram mandar celebrar uma missa de ação de graças na igreja de S. Gonçalo.

O pescado entrado na alfândega no Funchal pagava o chamado imposto do pescado, sendo o seu valor em outubro de 1912²³ de 85.000, sendo apenas suplantado pelo Funchal e Câmara de Lobos. Os produtos mais importantes desta atividade económica, nas Selvagens, eram carne e peixe salgados, mariscos, barro e pedra calcária. À chegada à alfândega o peixe era taxado no imposto respetivo, procedendo-se, depois, a distribuição entre os trabalhadores intervenientes na safra e a empresa Rocha Machado & C°. Em 1912,²⁴ aconteceram distúrbios no momento da partilha do peixe.

Destaca-se a presença dos proprietários, excursionistas e investigadores de Ciências Naturais nestas viagens às Selvagens: em 1904, foi o Padre Schmitz com um seminarista, em 1906, contou com os excursionistas A. Noronha e César Gomes de Menezes; em 1911, o proprietário das ilhas, Luiz da Rocha Machado. Em 1906,²⁵ fazia-se publicidade a viagem de excursão às Selvagens por 6 dias, aproveitando a ida do iate Nova Flor com os trabalhadores para a safra.

AS SELVAGENS E A HISTÓRIA DA CIÊNCIA

As ilhas entraram rapidamente no universo da ciência europeia dos séculos XVIII e XIX. Ambas as centúrias foram momentos de assinaláveis descobertas do mundo, através de um estudo sistemático da fauna e flora. Daqui resultou dois tipos de literatura com públicos e incidências temáticas distintas. Os textos turísticos, guias e memórias de viagem, que apelavam o leitor para a viagem de sonho à redescoberta deste recanto do paraíso demarcado dos demais pela beleza incomparável da paisagem e pela variedade de flores e plantas. Já os tratados científicos, apostam na divulgação através daquilo que o identifica. As técnicas de classificação das espécies da fauna e flora têm aqui um espaço ideal de trabalho. Algumas coleções foram feitas para deleite dos apreciadores, figurando em lista que antecede a publicação.

O século XX anuncia-se como o momento ecológico. As preocupações com a preservação do pouco manto florestal existente e da recuperação dos espaços ermos eram acompanhadas da crítica impiedosa aos responsáveis. Não será inoportuno recordar que as preocupações ambientalistas que vão no sentido

19 Arquivo Histórico da Madeira. *Índices dos Passaportes 1872-1900*, Funchal, 2000. Temos para o período de 1856-61 o pedido de 22 passaportes. Em 1858 aparece apenas um requerente a solicitar o passaporte para 22 pessoas, trabalhadores que iam para a faina na ilha.

20 No *Heraldo da Madeira* de 23.07.1905 temos notícia da partida do Bútio com “os homens que ali se vão entregar à exploração da caça e pesca, durante dois a três mezes.”

21 *Diário de Notícias*, 20 de outubro de 1904; *Heraldo da Madeira*, 19-09-1904.

22 *Diário de Notícias*, 06 de agosto de 1916 e 08 de novembro de 1916.

23 *Diário de Notícias*, 18 de novembro de 1912.

24 *Diário de Notícias*, 19 de novembro de 1912.

25 *Diário de Notícias*, 08-09-1916.

Data	Embarcação	Número de trabalhadores	Produtos
1877-08-11	???	???	Lapas e caramujos
1904-10-20	Vapor Butio	???	???
1905-10-02	Escuna Nossa Senhora da Nazaré		23 sacas de penas 40 barris de caça em moura 21 pescoços salgados 13 barris de peixe seco 3 barris de engodo 4 barris de lapas 1 barril de coelho salgado 20 latas de engodo
1906-09-08	Iate Nova Flor	28	80.000kg de pedra de cal
1906-10-06	Iate português Silva Guerra	???	7 barris de óleo 17 barris de peixe seco 42 volumes com marisco 30 sacos de penas 6 caixas com engodo 52 barris de cagaras
1907-09-21	???	???	13.000 gaiados
1908-08-07	56	Escuna Nossa Senhora Conceição	3.000 cavalas 5.000 gaiados 200 toneladas de pedra de cal
1911-10-31	26	Escuna Nossa Senhora Conceição	Atum e gaiado salgados.
1912-09-17	20	Escuna Nossa Senhora Conceição	16.000 gaiados
1916-10-10	54	Iate Europa	Com “grande porção” de peixe seco.
1917-09-11	???	Iate Atlântico	barro

Fonte. *Diário de Notícias*. 1877 a 1916

de estabelecer um equilíbrio do quadro natural e travar o impulso devastador do homem não são apenas apanágio do homem do século XX. No Caso das Selvagens, aquilo que se nota é o interesse da comunidade científica pelos seus endemismos.

As ilhas recriavam os mitos antigos e reservavam ao visitante um ambiente paradisíaco e calmo para o descanso, ou, como sucedeu no século dezoito, o laboratório ideal para os estudos científicos. O endemismo insular propiciava a última situação. As ilhas foram o principal alvo de atenção de botânicos, ictiólogos, geólogos. Alfredo Herrera Piqué considera-as “*a escala científica do Atlântico*”²⁶. Os ingleses foram os primeiros a descobrir as qualidades de clima e paisagem e a divulgá-las junto dos compatriotas. É esta quase esquecida dimensão como motivo despertador da ciência e cultura europeias desde o século XVIII que importa realçar. As dificuldades à fixação e intervenção humana fizeram das ilhas um santuário da natureza, que mereceu a atenção da Ciência europeia a partir do século XIX. Sucederam-se diversas expedições e estudos, mesmo antes de as ilhas serem consideradas um parque natural. O interesse científico é um facto evidente a partir do século XIX revelador do interesse da comunidade científica nacional e estrangeira por estas ilhas.

Sucederam-se diversas expedições estudos, mesmo antes de serem consideradas um parque natural. No decurso do primeiro quartel do século XX, fez-se uma exploração intensiva dos recursos desta ilha, com viagens sistemáticas na época estival de caçadores e pescadores. Isto permitiu que alguns investigadores aproveitassem a boleia das embarcações para procederem aí estudos. Foi o caso do Padre Schmitz, em agosto de 1904,²⁷ Em 1905,²⁸ passou por aí o vapor francês Otaria com meteorologistas franceses que aí fizeram estudos. Em 1907,²⁹ realizou-se no Funchal uma conferência sobre estas ilhas, a cargo de A. Drumond Paterson, que faz o relato da expedição realizada às Selvagens. Em 1911,³⁰ refere-se a passagem da chalupa francesa Adolph Marie em missão oceanográfica. Depois, em 1914,³¹ foi a vez do iate inglês Endurance, comandado por Mr Warley a proceder aí a estudos. Entretanto, a constância de embarcações no período estival para a caça e pesca fazia com muitas instituições ou cientistas solicitassem recolha de plantas nas referidas ilhas. Em 1869, T. Lowe fez estudos sobre as Selvagens, com recolhas feitas entre 1960-68 por Constantino Cabral de Noronha. Depois, em 1912,³² uma dessas missões trouxe alguns exemplares da fauna para o Museu Geográfico de Londres.

DATA	EXPEDIÇÃO	OBJETIVO
1869	Barão de Castelo de Paiva	
1896	W. R. D. Grant, ornitólogo do Museu Britânico	Estudo aves
1904	Dr. Bohn	Estudo conchas fósseis
1911	Léon Ganeta, naturalista francês, na chalupa Adolphe Marie	
1915	Capitão B. T. Somerville, navio Argonaute	Mapa das ilhas
1922	Barão Charles Rothschild, banqueiro e ornitólogo inglês	Estudo das aves
1939		Estudo aves
1940	J. C. Morais, Director do Museu Minerológico e Geológico da Universidade de Coimbra, a bordo do navio hidrográfico Carvalho Araújo	

26 HERRERA PIQUÉ (1987).

27 *Diário de Notícias*, 26 e 27 de agosto de 1904.

28 *Diário de Notícias*, 05 de julho de 1905.

29 *Diário de Notícias*, 17 de dezembro de 1904.

30 *Diário de Notícias*, 23 de junho de 1911.

31 *Diário de Notícias*, 27 de agosto de 1914.

32 *Diário de Notícias*, 29 de novembro de 1904.

CONCLUSÃO

A História é clara na afirmação desta ligação do arquipélago ao mundo e soberania portuguesas, não gerando qualquer situação de conflito e afrontamento até princípios do século XX. Por parte dos portugueses/madeirenses, foi manifesta a sua ideia de pertença, materializada na exploração económica dos seus recursos terrestres e marinhos. No primeiro quartel do século XX, porém, surge uma reivindicação da soberania espanhola, no quadro de referência quotidiano e económico do arquipélago madeirense, por força da exploração intensiva que se fazia dos recursos marinhos e terrestres destas ilhas, nesta época, mais apostados em valorizar as atividades de caça e pesca, uma vez que a urzela e barrilha, os principais elementos que haviam valorizado a sua exploração económica e presença humana ao longo dos séculos, tinham perdido o seu valor económico. Desta forma, podemos afirmar que estas ilhas e arquipélago, quase esquecidos no quadro de referência madeirense, mantiveram-se claramente ligados, ao arquipélago madeirense, não obstante a sua proximidade à ilha de Tenerife do grupo das Canárias. Em momento algum, os portugueses abdicaram da sua ligação ao arquipélago madeirense e a compra, em 1971, da propriedade a favor do Estado revela uma nítida intenção de afirmação da soberania portuguesa, assim como da perpetuação dos vínculos que ligam as Selvagens à Madeira.

BIBLIOGRAFÍA

- AGUILAR, J.T. de (pesquisa e texto) y JORGE, F. (fotografias) (2006). *Faróis da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens. / The Madeira Archipelago Lighthouses*. Lisboa: Argumentum.
- ANÓNIMO (1979). *Roteiro do Arquipélago da Madeira e Ilhas Selvagens*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Hidrográfico.
- AUDIIFRED, P.A.J. (1983). *Marine algae of Selvagem grande (Salvage Islands, Macaronesia)*. Funchal, Madeira: Museu Municipal do Funchal, p. 31.
- ASSING, V. (2000). «A new species of Oligota Mannerheim from the Ilhas Selvagens (Coleoptera, Staphylindae)». *Reichenbachia*, 33, pp. 317-319.
- BACALLADO, J.J. y OROMI, P. (1978). *Breve nota ornitológica y herpetológica sobre las islas Salvajes. Nº 19 in Contribucion al estudio de la historia natural de las islas Salvajes. Resultados de la expedicion científica Agamenon*, 76. Santa Cruz de Tenerife: Museo de Ciencias Naturales, pp. 199-209.
- BANNERMAN, D. (1963). *Birds of the Atlantic Islands: volume I, a history of the birds of the Canary Islands and of the Salvages*. Edimburgo: Oliver & Boyd.
- BANNERMAN, D. (1914). «Recent records new to the North Atlantic Islands». *Bull. Br. Orn. Club*, 89, pp. 86-88.
- BANNERMAN, D. y BANNERMAN, W.M. (1965). *Birds of Atlantic islands. Vol. I. A history of the birds of Madeira, Desertas and Porto Santo Islands*. Edimburgo y Londres: Oliver & Boyd, pp. 190-196.
- BARING, C. y OGIIVIE GRANT, W.R. (1895). «An expedition to the Salvages islands». *The Zoologist*, 19 (3), pp. 401-417.
- BARROS, L.A. (1961). «Sobre a Petrologia da Selvagem Grande (Arquipélago das Selvagens)». *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa*, 9, pp.43-51.
- BEHAIM, M. (1983). «Do primeiro descobrimento da Guiné por Martin Behaim segundo relato de Diogo Gomes», en GARCIA, J.M., *Viagens dos Descobrimentos*. Lisboa: Presença, pp. 25-54.
- BISCHOFF, W. (1998). *Die Reptilien der Kanarischen Inseln, der Selvagens-Inseln und des Madeira-Archipels*. Wiesbaden: Aula-Verlag, p. 448.
- BISCOITO, M.J. (1993, agosto 9). «A investigação científica nas Selvagens», in *Diário de Notícias*, p. 8
- BISCOITO, M.J. y ZINO, F. (1997). «Pelagodroma marina - White-faced Storm-petrel», in HAGEMELER, E.J.M. y BLAIR, M.J. (eds.) *The EBCC Atlas of European Breeding Birds: Their Distribution and Abundance*. Londres: T & A. D. Poyser, p. 26.
- BISTER, H. (2005). «Selvagensöarna – dukat bord med havets läckerheter». *Roadrunner*, 4, pp. 40-47.
- Boletim do Museu Municipal do Funchal*, Funchal (1945/-) [publica estudos especializados, onde se inclui muitos sobre as Selvagens.]
- BORGES, P.A.V.; ABREU, C.; AGUIAR, A.M.F.; CARVALHO, P.; JARDIM, R.; MELO, I.; OLIVEIRA, P.; SÉRGIO, C.; SERRANO, A.R.M.; VIEIRA, P. (eds.) (2008). *Listagem dos fungos, flora e fauna terrestres dos arquipélagos da Madeira*

- e Selvagens / A list of the terrestrial fungi, flora and fauna of Madeira and Selvagens archipelagos.* Funchal e Angra do Heroísmo: Direcção Regional do Ambiente da Madeira e Universidade de Açores.
- BRANDÃO, J.M.V. y CARVALHO, A.M.G. (1979). *Madeira-Porto Santo-Selvagens (aspectos geológicos e geomorfológico)*. Centro de Geologia da Universidade de Lisboa. 14 p. pol.
- CARTA MILITAR DE PORTUGAL (1967). *Ilhas selvagens (Selvagem Grande), Madeira*. Folha 16, Serviço Cartográfico do Exército, Escala 1:25 000.
- CLARKE, T. (2006). *Birds of the Atlantic Islands – Canary Islands, Madeira, Azores & Cape Verde*.
- CORREIA MARTINS MATIAS, M.J. (1986). *Contribuição para o estudo petrológico e geoquímico das Ilhas Selvagens*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical
- CUBBIT, M.; CARRUTHERS, M. y ZINO, F. (1992). «Unravelling the mystery of the Tyne Petrels». *Birding World*, 5, pp. 438-442.
- CUNHA, R. *et al.* (2004). *Ilhas Selvagens*. Funchal: Serviços do Parque Natural da Madeira.
- DAWSON, R.J.G.; PARKIN, D.; CUBBIT, M.; PYONG-OH, W. y ZINO, F.J.A. (1995). «DNA amplification and sequencing of unidentified Dark-rumped Oceanodroma Storm-petrels (Aves) in the North Atlantic Ocean». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 4, pp. 201-210.
- DEN HARTOG, J.C. (1980). «Bird observations in the Selvagens Islands». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 36, pp. 111-141.
- DENIS, J. (1963). «Spiders from the Madeira and Salvage Islands». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 17, pp. 29-48.
- DUARTE MARTINS DE SOUSA, É. (2012). *Ilhas de arqueologia. O quotidiano e a civilização material na madeira e nos açores (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.
- DUARTE MARTINS DE SOUSA, É. y PUTZER, D. (2010). «Rastos de gente nas Selvagens (Madeira, Portugal). Estudo preliminar das cerâmicas das épocas Moderna e Contemporânea». *AMC - Arqueologia Moderna e Contemporânea*, 1, pp. 120-135.
- ESPINOSA GOMES DA SILVA, N. (1991). *História do direito Português: fontes de direito*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERNANDES, J.P. (2003). «As Ilhas selvagens». *Origens*, 8, pp. 40-43.
- FERNANDES, V. (1997). *Códice de Valentim Fernandes*. Lisboa.
- FERREIRA, M.P.; MACEDO, C.R. e FERREIRA, J.F. (1988). «K-Ar geochronology in the Selvagens, Porto Santo and Madeira islands (Eastern Central Atlantic): a 30 m.y. spectrum of submarine and subaerial volcanism». *Lunar and Planetary Inst. Abstracts*, 19. p. 325-326.
- FIGUEIREDO, M.A. (1996, março 8). «Selvagens e perigosas. Viagem ao mais escondido canto de Portugal: as ilhas Selvagens. Histórias de navios, de silêncios e biologia». *O Independente, revista Vida*, pp. 64-69.
- FONTINHA, S.S. (2003). «Um tesouro no Atlântico: as ilhas selvagens». *Isleña*, 32, pp. 171-176.
- FRANÇA, J. (1979). «Selvagens», in *Mar e Céu por Companheiros*. Lisboa, pp. 93-96.
- FREITAS, L. (2006). «Os Administradores da Ermida de N.ª S.ª dos Remédios. Relacionamento com o Morgado das Selvagens». *Origens*, 13, pp. 11-36.
- FRUTUOSO, G. (1979). *Livro Segundo das Saudades da Terra*. Ponta Delgada, cap. 51.
- GARCIA, J.M. (1983). *Viagens dos Descobrimentos*. Lisboa, pp. 25-54.
- GJAERUM, H.B. (1975). *Two rust species from the Salvage Islands*. Funchal, Madeira: Museu Municipal do Funchal.
- GOMES, Diogo (1899) *As relações do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde*. Disponível online em <https://archive.org/details/asrelaesdodescob00gome>. Consulta em 20-01-2014.
- GRAÇA SIMÃO JOSÉ, P.Q. (2013-2014). *A Importância das ilhas no quadro das políticas e do direito do mar – o caso das Selvagens*. Lisboa: ISCTE-IUL-Instituto universitário de Lisboa [tese de doutoramento].
- HANSEN, J.W. (2000). «Mauerwerk auf Selvagem Grande (Portugal)-Beschreibung und bauliche Würdigung». *Almogaren*, XXXI, pp. 207-221.
- HANSEN, J.W. (2002). «Siedlungsspuren auf den Ilhas Selvagens (Portugal) - Teil II». *Almogaren*, XXXIII, pp. 287-302.
- HELVERSEN, O. von (1963). «Scientific expedition to the Salvage Islands. Einige Pseudoskorpione von den Ilhas Selvagens». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 19, pp. 95-103.
- HERNANDEZ QUINTERO, M. (1974). «Algumas notas de etologia de las Cagarras ou Pardelas en las Islas Canarias». *CYANOPICA*, 1 (4), pp. 123-124.
- HESPANHA, A. y Calvet de Magalhães, J. (2004). 'Portugal na ordem jurídica internacional: notas históricas'. *Janus*, pp. 2-12.
- HOLSTRÖM, N. (2005). «A birding trip to the Salvage Islands». *Birding World*, 8, pp. 325-337.
- HONNOREZ, J. (1966). *Contribution a l'étude géologique et pétrographique de l'archipel des Selvagens*. Bruselas:

- Academie royale des sciences d'outre-mer.
- HOWE, P. (1932). «The birds of Great Salvage Island: an account of a day's visit». *Recollections*, 12 (3), pp. 49-51.
- Ilhas Selvagens, *Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal*, 12, 1971, pp.1-25.
- JENSEN, A. (1981). «Ornithological winter observations on Selvagem Grande». *BOCAGIANA*, 62.
- JOUANIN, C. (1964). «Scientific Expedition to Salvage islands. III: Le comportement en juillet des Petits Puffins, *Puffinus assimilis baroli*, de l'île Selvagem Grande». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 18, pp. 142-157.
- JOUANIN, C. (1965). «Contribution à l'Étude de la Biologie de Pelagodronna Marina Hypoleuca(webb, Berthelot et Moquin-Tandon)». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 19, pp.16-28.
- JOUANIN, C. (1974). «Notes sus *Larus argentatus atlantis* aux îles Selvagens». *CYANEPICA*, 1 (4), pp. 19-24.
- JOUANIN, C. y ROUX, F. (1963). *Scientific Expedition to the Salvage Islands*.
- JOUANIN, C. y ROUX, F. (1964). «Une mission aux îles Salvages». *Science et Nature*, 61, pp. 1-8.
- JOUANIN, C. y ROUX, F. (1965). «Contribution à l'étude de la biologie de Pelagodroma marina hypoleuca. Scientific expediton to the Salvage islands july 1963». *IV Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 19, pp. 16-30.
- JOUANIN, C. y ROUX, F. (1966). «La colonie de Puffin cendrk, *Calonectris diomedea borealis* (Cory) de Selvagem Grande. Scientific Expedition to the Salvage islands». *VII. Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 20 (89), pp. 14-28.
- JOUANIN, C. y ROUX, F. (1980). «Un archipel en péril: Les Salvages», in DORST, J. et al. *Rhisset Découvertes*. Museum d'Histoire Naturelle de Paris, pp. 155-165.
- JOUANIN, C.; ROUX, F y ZINO, A. (1977). «Sur les premiers resultats du baguage des Puffins cendrbx aux îles Selva-gens». *RFO*, 47 (4), pp. 351-358.
- KAMMER, F. (1982). *Beitrag zu einer kritischen Interpretation der rezenten und fossilen Gefasspflanzenflora und Wirbeltierfauna der Azoren, des Madeira-Archipels, der Ilhas Selvagens, der Kanarischen Inseln und der Kapverdischen Inseln: mit einem Ausblick auf Probleme des Artenschwundes in Makaronesien*. Freiburg im Breisgau: F. Kammer, 179 p.
- LE GRAND, G. (1983). «Ornithological Bibliography of the Salvage Islands». *Arquipélago-Revista da Universidade dos Açores*. Série Ciências da Natureza, IV, pp. 43-47.
- LEITÃO, N. y CARVALHO, L. de (2005). «A noção 'estratégica' das ilhas Selvagens». *Geoinova*, 1-11, pp. 267-283. Disponível na internet em <http://fcsn.unl.pt/geoinova/revistas/files/n11-13.pdf>, consulta a 1 de abril de 2014.
- LOCKLEY, R.M. (1952). «Notes on the birds of the islands of Berlengas (Portugal), the Desertas and Baixo (Madeira) and the Salvages». *IBIS*, 94, pp. 144-157.
- LOPES, M.T. (1995). «Littoral sponges from Selvagens Islands». *Symposium on fauna and flora of the Atlantic Islands, 1993*. Funchal, Madeira: Camara Municipal do Funchal, pp. 387-391.
- LOWE, R.T. (1869). *Floruae salvagiae tentamen: a list of plants collected in the Salvage Islands by Sr Constantino Cabral de Noronha*. Londres: J. Van Voorst, 24 p.
- MACNAUGHAN, D. (2002). 'Bibliography of the Ilhas Selvagens (Savage Islands), Northeast Atlantic Ocean'. *Island Bibliographies*, 2. Disponível na Internet em: <https://lanec.edu/library/don/savage.htm>, consulta a 1 de abril de 2014.
- MALAQUIAS, M.A.E. (2000). «Additions to the knowledge of the opisthobranch molluses of the Selvagens Islands, NE Atlantic, Portugal». *Symposium on fauna and flora of the Atlantic Islands, 1998*. University of the Azores, pp. 89-98.
- MENEZES VAZ, F. de (1964). «Caiados», en *Famílias da Madeira e Porto Santo*. Funchal: JGDAF, pp. 342-353.
- MENEZES, C.A. de (1923). *Subsídios para o Conhecimento da Flora das Ilhas Selvagens*. Lisboa: Academia das Ciências.
- MORAIS, J.C. (1940). «Estudos Acerca da Geologia das Ilhas Selvagens». *Memórias e Notícias*, Coimbra: Museu Mineralógico e Geológico da universidade de Coimbra.
- MORAIS, J.C. (1943). *Memórias e Notícias [Ilhas Selvagens]*. Coimbra: Museu Mineralógico e Geológico da universidade de Coimbra.
- MORAIS, J.C. de (1940). «O arquipélago das Selvagens». *Memórias e, Notícias*, Coimbra, nº 11, pp. 1-39.
- MORAIS, J.C. de (1948). «Os arquipélagos da Madeira e Selvagens». *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, VII, pp. 1-32.
- MONOD, T. (1990). *Conspectus florum Salvagicae*. Funchal, Madeira: Camara Municipal do Funchal, 79 p.
- MONTEIRO, L. & ZINO, F. (1997). *Bulweria bulwerii - Bulwer's Perel*. In *The EBCC Atlas of European Breeding Birds: Their Distribution and Abundance*. Londres: T & A. D. Poyser, p. 19.
- MOUGIN, J.L.; ZINO, F.; BISCOITO, M.; ROUX, F. y DESPIN, B. (1986). «Quelques observations concernant la Pariade chez le Puffin Cendré *Calonectris diomedea borealis* de l'île Selvagem Grande». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 38, pp. 5-15.

- MOUGIN, J.L.; JOUANIN, C.; ROUX, F.; ZINO, P.A. y ZINO, F. (2002a). «La constance de la date de ponte au cours de la vie reproductrice chez le Puffin Cendré, *Calonectris diomedea*». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 53, pp. 63-70.
- MOUGIN, J.L.; JOUANIN, C.; ROUX, F.; ZINO, P.A. y ZINO, F. (2002b). «Variation de la durée d'incubation en fonction de la date de ponte chez le Puffin Cendré, *Calonectris diomedea*». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 53, pp. 71-77
- NASCIMENTO, J.C. do (1927). «Os senhores das Selvagens». *Apontamentos de História Insular*. Funchal, pp. 97-134.
- NASCIMENTO, J.C. do (1939). «De rebus pluribus: rendimento das Desertas e Selvagens». *Arquivo Histórico da Madeira*. Funchal, vol. VI, pp. 52-64.
- NEVES, H.C. (1991). «Ilhas Selvagens: da lenda ao património natural». *Islenha*, 8, pp. 104-110.
- NEVES, H.C. (1995). «Analysis of the vegetation of Ilhéu de Fora, Selvagens Islands». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 4, p. 5.
- NÓBREGA, M. de (1993, agosto, 1). «Aniversário dos trinta anos da investigação científica nas Selvagens? Gralhas científicas», in *Diário de Notícias, DN – Revista*.
- NORGALES, M.; MARTIN, A. y ZINO, F. (1990). «Bill malformation of juvenile Cory's Shearwater (*Calonectris diomedea borealis*) on Selvagem Grande». *Bocagiana*, 139, pp.1-5.
- OGILVIE-GW, W.R. (1895). «An expedition to the Salvage islands». *Zoologist*, 19 (3), pp. 401-417.
- OGILVIE-GW, W.R. (1896). «On the birds observed at the Salvage island near Madeira». *IBIS*, 7 (2), pp. 41-55.
- OLIVEIRA, P. y MENEZES, D. (2012). «Eradication and control vertebrate invasive species in Madeira and Selvages Archipelago: a short review». *Airo*, 22, pp. 43-48.
- PARENTE, M.I. et al. (2001). «Flora marina de las Ilhas Selvagens: resultados preliminares de la expedición Macaronesia 2000». *Revista de la Academia Canaria de la Ciencia*.
- PEREIRA, E.P. (1989). *Ilhas de Zargo*, 4.^a ed., vols. I, II. Funchal: Câmara Municipal de Funchal.
- PÉREZ DE PAZ, P.L. (1977). *Contribución al estudio de la flora y vegetación de las Islas Salvajes*. Tenerife.
- PICKERING, C.H.O. (1959). «Note sur le Puffin cendré aux îles Salvages». *L'Oiseau et R.F.O.*, 29, pp. 1-3, pl. I.
- PICKERING, C.H.O. y MAUL, G.E. (1964). «Scientific expedition to the Salvage island, July 1963». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 18, pp. 129-131.
- PRESS, J.R. (1994). *Flora of Madeira*. Londres: HMSO, 574p.
- PRESS, J.R.; BISCOITO, M., et al. (1986). «New plant records from the Salvage Islands (Portugal)». *Bocagiana*, 90, pp. 1-4.
- QUARTAU, J.A. (1981). «On a new species of the genus *Brachypteron* Lindberg (Homoptera: Cicadellidae) from the Salvage Islands». *Arquivos do Museu Bocage*, 10, pp. 125-132.
- READ, H.J. (1987). *Notes on the vegetation of some Atlantic Islands based on observations made in 1884*. Funchal, Madeira: Museu Municipal do Funchal, 7 p.
- RITSEMA, A. (2010). *The Selvagens, Forgotten Atlantic Islands*.
- RODRIGUES DE AZEVEDO, Á. (1873). «Notas», in *As Saudades da Terra pelo Doutor Gaspar Fructuoso. História das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens. Manuscrito do Século XVI*. Funchal: Typografia Funchalense.
- ROUX, F. y JOUANIN, C. (1961). «Studies of less familiar birds», *Birds*, 61, pp. 163-169, pl. 20-22.
- RUFINO, R. y ARAÚJO, A. (1981). *Migradores paleárticos nas ilhas Selvagens*. CEMPA-Lisboa. Secr. Est. Ambiente. 9 p.
- SANTOS, J.R. dos (1969). «Ornitologia das Ilhas Selvagens. Campanha de Estudos». *Ciências Biológicas*, pp. 27-29.
- SANTOS GUERRA, A. (1990). *Evergreen forests in the Macaronesian region*. Estrasburgo: Consejo Europeo, 78 p.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1968). «Ornitologia das ilhas Selvagens. Uma campanha de estudos». *CYANOPICA*, 1 (1), pp. 81-82.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1969). «Ornitologia das ilhas Selvagens. 2.^a campanha de estudos (1969)». *CYANOPICA*, 1 (2), pp. 164-166.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1970). «Ornitologia das ilhas Selvagens. Campanha de estudos (1969)». Faculdade Ciências da Universidade de Luanda, Angola, *Estudos de Biologia*, 1, pp. 27-29.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1971a). «Ornitologia das ilhas Selvagens. 3.^a e 4.^a campanha de estudos (1970-1971)». *CYANOPICA*, 1 (3), pp. 67-80.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1971b). «Os arquipélagos das Selvagens e das Desertas como reservas biológicas». *CYANOPICA*, 1 (3), pp. 96-106.
- SARMENTO, A.A. (1941). *As pequenas indústrias da Madeira*. Funchal: Oficinas do Diário de Notícias.
- SARMENTO, A.A. (1906). *Selvagens*. Funchal.
- SCHMITZ, E. (1893a). «Die Puffinjenjagd auf den Selvagens-Inseln im Jahre 1892». *Ornithologie Jbuch., Austria*, 4,

- pp. 141-147.
- SCHMITZ, E. (1893b). «Tagebuchnotizen aus Madeira». *Ornithologie Mber.*, 1, pp. 136-138.
- SCHMITZ, E. (1894). «Die Puffinen-jagd auf der Selvagens». *Ornithologie Jbuch.*, 5, pp. 19-20.
- Selvagens Islands Nature Reserve, Portugal* (1993). Estrasburgo: Consejo Europeo, (no. 36), 18 p.
- SILVA, F.A. da (1934). *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Edição do Autor.
- SILVA, F.A. da (1978). «Selvagens». *Elucidário Madeirense*. Funchal, vol. III, pp. 284-287.
- SILVA, F.A. da e MENESES, C.A. (1998). *Elucidário Madeirense* (Fac-símile da edição de 1940-1946). Vols. I, II, III. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, DRAC.
- SILVA, J. (1995). *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV- XVII)*. Vol. I. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.
- SIMON, E. (1912). «Arachnides recueillis par M. L. Garreta a l'île Grande-Salvage». *Bulletin de la Societe Entomologique de France*, 81, pp. 59-61.
- STEINER, H.E. (2005). «Drei-Kammer-Bau über der 'Fonte das Galinhas' auf Selvagem Grande. Ilhas Selvagens. Atlantik». *Almogaren*, XXXVI, pp. 325-347.
- STEINER, H.E. (2005a). «Keine Siedlungsspuren auf den Kleinen Selvagens. Selvagem Pequena und Ilhéu de Fora», *Ic – Nachrichten*, 87, pp. 59-64.
- STEINER H.E. y HANSEN, J.W. (2000). «Siedlungsspuren auf den Ilhas Selvagens. Dokumentation archaeologischer Fundstaetten auf Selvagem Grande. Expedition mit dem Forschungsschiff, Corvette, vom 21-28. Mai 1999». *Almogaren*, XXXI, pp.193-206.
- STEINER H.E. y HANSEN, J.W. (2000a). «Spekulationen und Thesen zur 'zeitweisen Besiedlung' der Atlantikinsel Selvagem Grande». *Almogaren*, XXXI, pp. 223-236.
- TORRIANI, L. (1999). *Descrição e História do Reino das Ilhas Canárias*. Lisboa.
- ULBRICHT, H.J. (2000a). «Die Ilhas Selvagens (Portugal) im Spiegel der Geschichte». *Almogaren*, XXXI, pp. 143-191.
- ULBRICHT, H.J. (2000b). «Bibliographie der Ilhas Selvagens (Portugal)». *Almogaren*, 31, pp. 237-262.
- WEISSCHER, F. (1983). «Marine algae from Selvagem pequena (Salvage Islands)». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 3, pp. 41-80.
- WILHELM, E.A. (1993). «O aventureiro mais famoso da cidade». *Islenha*, 12, pp.145-60.
- WOLLASTON, T.V. (1865). *Coleoptera atlantidum: an enumeration of the coleopterous insects of the Madeiras, Salvages, and Canaries*. Londres: J. Van Voorst.
- ZINO, P.A. (1971a). «The breeding of Cory's Shearwater, *Calonectris diomedea*, on the Salvage Islands». *IBIS*, 113, pp. 212-217.
- ZINO, P.A. (1971b). «A criação das Cagarras, *Calonectris diomedea*, nas ilhas», *CYANOPICA*, 1 (4), pp. 1-18.
- ZINO, P.A. (1972). *A Criação das Cagarras Calonectris Diomedea nas Ilhas Selvagens*. Lisboa: Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas.
- ZINO, P.A. (1994). «Breeding seabirds in the Madeira Archipelago», in NETTLESHIP, D.N., BURGER, J. y GOCHFELD, M. (eds.). *Seabirds on Islands: threats, case studies and action plans*. Cambridge: BirdLife International (BirdLife Conservation Series, 1), pp. 172-185.
- ZINO, P.A. (1994a). «Little Shearwater *Puffinus assimilis*», in TUCKER, G. y HEATH, M. (eds.). *Birds in Europe: their Conservation Status*. Cambridge: BirdLife International, pp. 70-71.
- ZINO, P.A. (1994b). «White-faced Storm-petrel *Pelagodroma marina*», in TUCKER, G. y HEATH, M. (eds.). *Birds in Europe: their Conservation Status*. Cambridge: BirdLife International, pp. 72-73.
- ZINO, P.A. (1994c). «Madeiran Storm-petrel *Oceanodroma castro*», in TUCKER, G. y HEATH, M. (eds.). *Birds in Europe: their Conservation Status*. Cambridge: BirdLife International, pp. 314-315.
- ZINO, P.A. (1995). «Birds of the Archipelago of Madeira and the Selvagens - New Records and checklist». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 46, pp. 63-100.
- ZINO, F.; BISCOITO, M.; BLANDY, E. y NEVES, H.C. (1991). «Sexual dimorphism of Cory's Shearwater *Calonectris diomedea borealis* on Selvagem Grande (30° 09'N, 15° 52'W)». *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, 43, pp. 301-309.